

Entre a educação e o estereótipo racista: uma leitura de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto

Evandro Jose dos Santos Neto¹

Resumo: A partir da representação do estigma da mestiçagem vista no romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de Lima Barreto, o presente trabalho tem por objetivo analisar as etapas da construção do estereótipo racista, relacionadas à formação da identidade de um homem negro pobre, no Brasil da primeira década do século XX. Partindo da hipótese de que as experiências de sujeitos negros são atravessadas por impedimentos sociais diversos, o resultado obtido pela análise literária e pelas leituras teóricas evidencia que, subjacente ao preconceito racial que dificulta as possibilidades de mobilidade social, pessoas negras letradas e educadas não estão blindadas contra as violências do racismo institucionalizado. Para aprofundar o debate, o aporte teórico utilizado trata de importantes questões relacionadas à temática da negritude e do racismo, relacionando o pensamento de diferentes autores, tais como: bell hooks (2019), Cuti (2010), Lélia Gonzalez (2020), Abdias Nascimento (2017), Neusa Santos Souza (2021), além de referências do campo dos estudos literários, como Antonio Candido (2006), João Luiz Lafetá (2004) e Roberto Schwarz (2008).

Palavras-chave: Lima Barreto; Racismo; Estereótipo racista; Educação; Ascensão social.

Between education and racist stereotypes: a reading of *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, by Lima Barreto

Abstract: Based on the representation of the stigma of miscegenation seen in the novel *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, by Lima Barreto, this paper aims to analyze the stages of the construction of the racist stereotype, related to the formation of the identity of a poor black man, in Brazil in the first decade of the 20th century. Starting from the hypothesis that the experiences of black people are crossed by diverse social impediments, the result obtained by the literary analysis and theoretical readings shows that, underlying the racial prejudice that hinders the possibilities of social mobility, literate and educated black people are not shielded against the violence of institutionalized racism. To deepen the debate, the theoretical framework used addresses important issues related to the theme of blackness and racism, relating the thinking of different authors, such as: bell hooks (2019), Cuti (2010), Lélia Gonzalez (2020), Abdias Nascimento (2017), Neusa Santos Souza (2021), as well as references from the field of literary studies, such as Antonio Candido (2006), João Luiz Lafetá (2004) and Roberto Schwarz (2008).

Keywords: Lima Barreto; Racism; Racist stereotype; Education; Social ascension.

Introdução

¹ Professor Adjunto de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Paraná - Unespar. Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo - USP, mestre e graduado em Letras, também pela USP. ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-0246-9526>. E-MAIL: evandro.neto@unespar.edu.br.

Publicado em 1909, o romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* assinala a estreia de Lima Barreto na prosa romanesca. Ainda que seja possível localizar similitudes entre aspectos da vida do autor e a lembrança conduzida por Isaías Caminha, o narrador em primeira pessoa, a natureza memorialística que estrutura a obra se inscreve no painel da ficção e indica a estratégia formal utilizada pelo escritor para engendrar um romance de desencantamento, no qual a esperança abatida pelas iniquidades sociais ocupa um lugar de protagonismo e centralidade. A tragédia de Isaías, no entanto, não se deve apenas à infausta posição que ocupa na hierarquia social. Filho de pai branco e mãe negra, o estigma da mestiçagem faz coro à pobreza e à escassez que cerceiam a sua existência e ele se descobre emaranhado nas malhas da violência racial que enredam as vivências de indivíduos negros no Brasil da abolição controversa.

Analisada como a figuração do processo de formação de uma consciência conspurcada por interdições sociais e raciais, a estrutura narrativa recupera o modelo do romance de formação: inicia-se pela infância do protagonista, passa pela primeira juventude – marcada pela mudança para o Rio de Janeiro para estudar medicina – e foca no período em que viveu na então capital do país. Seguindo a cartilha da tradição, a jornada é marcada por vicissitudes e aprendizados, responsáveis por alçar a personagem à maturidade, em um processo marcado pelo preconceito racial que se arvora como fator intrínseco à identidade de uma sociedade conservadora, envernizada por irrisórias camadas de modernidade.

Inicialmente deslumbrado pelo ambicioso sonho de se tornar um médico conhecido e respeitado, Isaías Caminha é dobrado pelas regras da segregação e acaba se resignando à invisibilidade atrelada à função de contínuo em uma redação de jornal. Sorri-lhe o destino e, mero acaso, passa a contar com a proteção do diretor do jornal que o promove à função de jornalista. Com a nova posição vem a descoberta de que tampouco mobilidade e ascensão social são antídotos contra a estereotipia. Vencido e desencantado, muda-se para uma chácara, de onde escreve, melancólico e pessimista, as suas memórias.

A partir dessas considerações, este trabalho tem por objetivo analisar as etapas da construção do estereótipo racista, relacionadas à formação da identidade de um homem negro pobre no Brasil da primeira década do século XX. Fundamentada na hipótese de que as experiências de sujeitos negros são atravessadas por impedimentos sociais

diversos, amplificados por aspectos de natureza racial, a perspectiva analítica organiza o ponto de vista narrativo em duas funções dialeticamente associadas: a primeira consiste em um movimento de aproximação, entre narrador e personagem, dedicado à análise psicológica, a fim de valorizar a disposição anímica do *eu*; a segunda subverte o traçado típico da narração em primeira pessoa e promove um distanciamento crítico que enfatiza a existência do outro, materializada na figuração do *eles* e na impossibilidade do *nós*. A investigação da interioridade se consoma na precedência dada à participação ativa do protagonista nos acontecimentos narrados, os quais, na medida em que se ocupam com o desencantamento e a desalienação, estão associados a reflexões de cunho pessoal. Na parte subsequente, o distanciamento se justifica pelo fato de o narrador abandonar a análise individual e priorizar a descrição do caráter controverso das classes dominantes.

A síntese desses movimentos dá forma às etapas de construção da identidade de um homem negro letrado, subjacente à exposição às violências materiais e simbólicas derivadas do racismo, cuja permanência na experiência histórica brasileira vai na contramão dos esforços empreendidos para a modernização do país. Nesse sentido, conforme aponta João Luiz Lafetá, a obra pode estar inserida na “corrente artística renovadora que se abre para a totalidade da nação através da crítica radical às instituições já ultrapassadas” (LAFETÁ, 2004, p.63).

Ao fundo do todo integrado por essas duas partes reside, portanto, a inversão de perspectivas que destrona a classe dominante e denuncia o crepúsculo dos mitos civilizatórios. Dentro dos limites da mimese, a aparência de decalque de extratos da sociedade brasileira, suscitada pelo ressentimento que dá fôlego ao trabalho de escrita, reflete o modo como o autor estrutura a narrativa a fim de desnudar as estruturas sociopolíticas do país: favores, acordos escusos, personalismo e interesses privados, os quais, mesclando-se aos públicos, definem as relações pessoais, sociais, políticas e culturais do Brasil da Primeira República.

Homem negro educado

Ainda que na organização das memórias a infância do protagonista seja resgatada de forma breve, a representação desse período é crucial para o desenvolvimento da

narrativa, pois servirá como ponto de referência, pelas vias do estranhamento e da oposição, para o modo como Isaías Caminha se relaciona com o mundo. A importância dada à instrução é a base do deslumbramento inicial, uma vez que estabelece a concepção de que o acesso à educação é suficiente para que qualquer indivíduo alcance realização pessoal e profissional. O aspecto meritocrático que reside nessa crença se desenvolve na primeira infância e é formalizado, de modo inconsciente, a partir da admiração e do respeito devotados ao intelecto do pai:

O espetáculo do saber de meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento. Pareceu-me então que aquela sua faculdade de explicar tudo, aquele seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler línguas diversas e compreendê-las constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundância e riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente. (BARRETO, 2018, p. 19).

A imagem do pai – branco e letrado –, associada a critérios morais e culturais supostamente positivos, é a padronização do modelo que se forma na consciência do menino Isaías. Ao contrapor o pai à mãe – negra e iletrada – a partir do nível de instrução, a criança gradua a distribuição do valor dado a cada um e indica que a base do seu deslumbramento repousa na identificação com a masculinidade branca. O distanciamento crítico do escritor maduro opõe e racializa os afetos, em um jogo no qual o desprezo dado à figura materna é contraposto ao ideal de sucesso materializado na imagem do pai. Nesse movimento, fica evidente que o sonho inocente se constrói a partir de um acúmulo de vocábulos otimistas – *espetáculo, felicidade, abundância, riqueza, respeito, consideração* – que reproduz de forma irônica a ingenuidade do olhar infantil, desconhecedor dos mecanismos de funcionamento do mundo. Identificada pelo tom amargurado do homem que se propõe a escrever suas memórias, no entanto, a abstração da químera indica a primeira contradição da narrativa, na medida em que projeta nos privilégios de um homem branco as primeiras inspirações de um menino negro, que vincula a ascensão social à instrução:

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de

toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. (...) Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos... (...) Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-intanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano!... (BARRETO, 2018, p. 25-26).

O ápice da ingenuidade é indicado pelo narrador por um conjunto de formas verbais no futuro do pretérito para ressaltar o aspecto incerto e duvidoso da perspectiva deslumbrada. Desse modo, os significados de hesitação que podem ser encontrados em formas como *resgataria*, *amaciaria*, *andaria* etc., contradizem a preocupação que reside no enunciado *não hesitaria* e confirma a ilusão. Sob essa perspectiva, é possível observar que a imprecisão que caracteriza essas formulações pode estar relacionada à condição racial e social da personagem, uma vez que, engastada no ideal masculino branco, reside a consciência do “suplício premente, cruciante e onímodo da minha cor”, isto é, as barreiras que impedem o desenvolvimento de homens negros. Na configuração do sonho possível, o deslumbramento suaviza essa realidade e projeta os desejos de ascensão a lugares ocupados predominantemente por homens brancos letrados a partir de dois pontos: aquisição do diploma que, emulando os significados sociopolíticos que tinha a carta de alforria para negros escravizados, traz consigo respeito, admiração e liberdade de expressão; e performance social masculina, executada a partir do constructo vestimenta, postura e refinamento. Em ambos os casos, o valor é dado à aparência, portanto.

Seguindo o intuito de realçar as diferenças por meio da oposição, a consciência do narrador maduro interrompe o delírio para trazer a realidade da mãe negra, desgastada e desfigurada pela exploração e pela solidão, como evidente contraponto ao desejo de acesso às vantagens contidas no ideal patriarcal de branquitude: “Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os maldades salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada” (BARRETO, 2018, p. 28). A figura da mãe é, com efeito, a existência dissonante que interrompe o devaneio e sublinha o quanto de perverso há na visitação do narrador aos sonhos de sua juventude. Se, para o jovem Isaías, a figura materna é

aquilatada pelo viés da negação, para o narrador experiente é ela o elemento que promove a identificação, pois, considerando o tempo da enunciado, conforme aponta Anatol Rosenfeld, “o eu que narra tem horizonte maior do que o eu narrado e ainda envolvido nos eventos, visto já conhecer o desfecho do caso” (ROSENFELD, 2011, p. 25).

Prova da identificação, as palavras da mãe no momento da despedida são reproduzidas pelo narrador com a finalidade de realçar a dicotomia deslumbramento/realidade: “- Vai, meu filho, disse-me ela afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós... E não acabou.” (BARRETO, 2018, p. 28). Ainda que a devoção esteja voltada para as conquistas intelectuais do pai, é o conselho interrompido da mãe, fundamentado na *práxis* e na experiência, que posiciona o jovem Isaías no decurso histórico da marginalização. A recomendação “não te mostres muito” reforça a perspectiva crítica da narrativa, já que contradiz fortemente os planos de exposição do narrador em sua fase juvenil, e justifica o uso do *nós* que, ao ratificar a identificação entre mãe e filho, sugere que o processo de amadurecimento se dará por meio da desilusão provocada pelo preconceito racial.

A construção do estereótipo racista e o surgimento da consciência crítica

Com a mudança para o Rio de Janeiro, à medida que adentra no universo das relações mais complexas, Isaías começa a perceber as nuances da barbárie social. Na organização dessas novas experiências, a voz narrativa sinaliza que a desconstrução da fase do deslumbramento da personagem tem início com a percepção do seu deslocamento em face das aspirações projetadas. Esse desarranjo é capturado formalmente pelo autor, no nível do enredo, por meio de movimentos opostos que serão decisivos para a formação da identidade do narrador maduro: a violência racial, de natureza objetiva, é uma realidade material externa que, não fazendo parte das características primevas do indivíduo que a experimenta, produz em seu caráter modificações de ordem subjetiva, com significativos desdobramentos psicológicos.

Se, no contato com as primeiras agressões, não é atribuída a consciência racial ao estranhamento, à dúvida, à raiva, e ao ódio experimentados, a partir do instante em que passa a reconhecer nessas violências a manifestação do racismo, a indignação instintiva dá lugar ao sentimento de revolta consciente. O ponto inicial desse processo de formação

é marcado pela experiência com o caixeiro, durante a viagem para o Rio. Sobre esse momento, diz o narrador:

Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!”. Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos (BARRETO, 2018, p. 28).

No processo de materialização das memórias, o reconhecimento da violência, consumado no impulso comparativo, pressupõe que a diferença da abordagem pode residir no critério racial. A indignação que estrutura o excerto informa ao leitor a percepção que tem o narrador maduro de que a exclusão se estabelece mediante o confronto entre os tratamentos dispensados a um negro e a um branco². Em um movimento contínuo, a comparação com o rapaz louro desperta de forma imediata a ação instintiva da autoanálise física: “Em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa” (BARRETO, 2018, p. 29). Localizado no âmbito da inconsciência, o pensamento instantâneo que atribui a si a responsabilidade pelo problema pontua, desse modo, a primeira rasura psicológica na identidade de Isaías, provocada por uma violência externa.

É com o estabelecimento no Rio de Janeiro, no entanto, que as dificuldades derivadas do preconceito racial evoluem do nível da suposição para o plano da concretude. Entre essas experiências, o conjunto de eventos desencadeados pela acusação de um roubo que teria ocorrido no hotel em que estava hospedado confirma não apenas que o estereótipo é um dos principais agentes da violência racista, mas também o modo como é moldada a psicologia do indivíduo negro violentado. Na formalização do acontecimento, o narrador, singularizado nas funções de intérprete e analista, decodifica as disposições dos fatos narrados em três partes simbólicas que organizam, de modo representativo, a relação entre a agressão externa e o efeito produzido na interioridade. O

² Carolina Maria de Jesus trata dessa questão, em *Diário de Bitita*, de modo semelhante: “Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. “Quando brigavam comigo, diziam: - Negrinha! Negrinha fedida” (JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Editora SESI, 2014, p. 95).

fato de todas essas cenas serem construídas a partir do *ouvir*, isto é, do lugar de passividade ocupado pelo *ouvinte*, corrobora essa afirmação.

Apontado pelo gerente do hotel como suspeito do roubo, Isaías deve comparecer à delegacia para prestar esclarecimentos. Enquanto aguarda a entrevista com o delegado, ouve uma conversa entre dois funcionários, os quais se referem a ele da seguinte forma: “- E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal ‘mulatinho’?” (BARRETO, 2018, p.68). Horrorizado com a depreciação e com a redução de toda a sua existência a uma expressão aviltante, confessa: “Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. (...) um epíteto daqueles feria como uma bofetada” (BARRETO, 2018, p.68). A atuação do narrador maduro, como analista dos sentimentos, revive a cena humilhante e, ao atribuir ao epíteto a mesma ofensa causada por uma agressão física, confirma a desidentificação e a despersonalização como exemplos concretos de violência material.

Na sequência, ainda aguardando o momento em que falará ao delegado, testemunha uma querela entre duas mulheres pobres, levadas à prisão por uma questão envolvendo roubo de alimento. Ao ouvir de uma delas o argumento “- Me perdoe, ‘seu inspetor’, a gente é pobre...” (BARRETO, 2018, p. 71), o narrador constrói a seguinte reflexão:

Senti-me comunicado de sua imensa emoção; ela penetrava-me tão fundo que despertava nas minhas células já esquecidas a memória enfraquecida desses sofrimentos contínuos que me pareciam eternos; e achando-os por debaixo das noções livrescas, por debaixo da palavra articulada, no fundo da minha organização, espantei-me, aterrei-me, tive desesperos e cristalizei uma angústia que me andava esparsa (BARRETO, 2018, p. 71).

Subjacente à dicção confessional do narrador, a identificação com o desvalimento, configurada no excerto, exprime a dramática tensão existencial de Isaías Caminha. A perspectiva antinômica que parece ser a principal linha de força que estrutura o romance propõe outra contradição – qual seja, essência e aparência – para assumir, com perplexidade, os impasses das vivências de um homem negro letrado. Ao se reconhecer no desamparo de alguém que é obrigado a confessar publicamente a sua tragédia social, a fim de preservar centelhas de dignidade, o narrador parece compreender que a humilhação recorrente, que o fino tecido da educação e da cultura não dá conta de

camuflar, é o indicativo mais eloquente de sua real condição. Na medida em que a acusação do roubo atesta o decaimento não apenas de sua frágil e instável posição social, mas também dos sonhos e projetos, fica evidente que a educação e o letramento não passam de um polimento, uma fina camada de maquiagem que disfarça, até certo ponto, as humilhações derivadas das assimetrias raciais. Nesse sentido, a relação entre as violências externas e seus reflexos na interioridade que coordena a dinâmica da obra pode se associar a ideia que tem Cuti sobre a literatura de Lima Barreto: “Da interpretação das atitudes do outro a uma desforra psicológica autorreflexiva, a postura da personagem narradora é a de quem aprendeu a detectar as nuances sutis da discriminação racial e a não se render a elas” (CUTI, 2010, p. 77).

A constatação “e cristalicei uma angústia que me andava esparsa”, que arremata o discurso, indica o fechamento do ciclo do deslumbramento e a completude da desilusão que se materializa de forma definitiva durante o interrogatório com o delegado:

- Qual é a sua profissão?

- Estudante.

- Estudante?

- Sim, senhor, estudante – repeti com firmeza.

- Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? (...) Com ar escarninho perguntou:

- Então você é estudante?

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada a priori, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada.

- Sou, sim, senhor! (BARRETO, 2018, p. 72-73).

Na representação do interrogatório, a repetição sistemática da palavra “estudante”, base da construção dialógica, surge, por meio do contraste, como o elemento que realça a investida preconceituosa. Se é verdade que o senso comum estabelece um padrão humano e cultural associado à ocupação de determinados espaços e à fruição de bens e serviços específicos, não é menos verdade que a subversão contra essa norma possa ser recebida com escárnio e indignação. Plenamente amparado pela noção que restringe às pessoas negras o acesso à educação, o racismo praticado pelo delegado se justifica na ideia de que as vivências de Isaías estão menos próximas do papel desempenhado por um estudante do que aquele associado a um criminoso.

Do ponto de vista da personagem, a sequência de formas nominais *dessa vez, mais uma, já e sentimento geral* registra uma marcação temporal que sinaliza não apenas a organização da consciência crítica, mas também o surgimento do sentimento de revolta, ambos fundamentados no reconhecimento de que as violências sofridas derivam do preconceito racial que, desprezando qualquer tipo de variável, imputa-lhe a condição de inferioridade. A breve passagem pela delegacia é determinante para o amadurecimento da identidade de Isaías, pois deixa-lhe como pecúlio o entendimento de que educação, cultura diversa e letramento não blindam pessoas negras contra as violências do racismo. Na esteira da constatação desse emparedamento, os impasses dessa anomalia foram analisados por bell hooks, ao tratar do percurso intelectual de alguns homens negros nos Estados Unidos como uma pressão que é “parte de um arsenal psicológico racial que constantemente permite às pessoas negras instruídas, sobretudo aos homens negros, saber que nem o maior nível de educação que possam alcançar lhes permitirá escapar da imposição de estereótipos racistas” (hooks, 2022, p. 100-101).

O resultado dessas experiências altera a óptica diegética e o narrador, na análise da formação da identidade negra fraturada, afasta-se da figuração da violência material para tratar dos efeitos do racismo em termos subjetivos. A transição operada na consciência, então, imprime na composição da obra o tom do ressentimento a fim de pontuar, no universo psicológico da personagem, a culpa, o medo, a frustração e a desilusão como os principais produtos da brutalidade racista. Em evidente oposição ao otimismo que preenche o sonho infantil, a óptica narrativa costura uma atmosfera derrotista que pode ser sintetizada a partir das transformações operadas na interioridade de Isaías Caminha: evita se expor, como forma de autoproteção; responsabiliza-se pelo fracasso; tenta fugir da realidade para anestesiá-la; apresenta forte abalo na autoestima; desenvolve pensamentos suicidas. O consórcio dessas anomalias é sintetizado por Isaías na seguinte reflexão: “fosse qual fosse o fim da minha vida, os esforços haviam de ser titânicos” (BARRETO, 2018, p. 79). No nível da pesquisa psicanalítica, Neusa Santos Souza reconhece a violência contida nessa conclusão, pois se trata de uma obrigação imputada às pessoas negras, como forma de contornar o racismo, de alcançar a perfeição “para minimizar, compensar o defeito, para ser aceito” (SOUZA, 2021, p. 73).

Com efeito, seguindo a formulação das etapas do processo de aquisição da consciência crítica aqui apresentada, é possível sugerir que a representação das

experiências de Isaías Caminha no tablado romanesco recupera criticamente as vivências de homens negros pobres que, no Brasil do raiar do século XX, experimentavam de forma controversa as possibilidades de emancipação concedidas pelo fim da escravatura. Se, de acordo com Roberto Schwarz, o desenvolvimento pessoal de homens brancos poderia ser assegurado pela prática do favor e do apadrinhamento (SCHWARZ, 2008, p.16), os negros dificilmente tinham acesso a esse tipo de vantagem que, para além da sua natureza controversa, era responsável pelo sucesso individual de muitos jovens.

A transição do deslumbramento inicial ao completo decaimento que marca a trajetória de Isaías Caminha está inscrita, portanto, no reconhecimento de que, de acordo com as regras estabelecidas pela sociedade racista, na ausência de um “benfeitor” que bancasse suas ambições, as chances de um homem negro educado obter sucesso, eram quase nulas. Na contramão do ideal falacioso da meritocracia, amplamente difundido para promover o ideal do *self-made man* e baseado na lógica de que qualquer pessoa poderia alcançar o sucesso, os esforços frustrados e os desejos irrealizados de Isaías denunciam as controvérsias que caracterizam essa dinâmica. Analisando a identidade negra a partir do acidentado percurso educacional trilhado por indivíduos negros ao longo da história, Lélia Gonzalez afirma que

aqueles que tiveram a oportunidade de ir à escola e ultrapassar o segundo ano fundamental, sentem mais claramente o que significa ser negro no Brasil. Porque tomam consciência do mito da democracia racial, do logro que significa o artigo da Constituição que afirma que “todos os brasileiros são iguais perante a lei”. Porque sabem que, mesmo com igual e até melhor capacitação que os brancos, serão preteridos (GONZALEZ, 2020, p. 48).

A realidade descrita por Gonzalez assume, no romance, o lugar da figuração e a situação de jovens negros que experimentam com a educação uma relação conflitiva, especialmente nos primeiros anos da Primeira República do Brasil, recebe tratamento estético-literário, materializado nas memórias fictícias de Caminha. Ao considerar a trajetória do narrador, circunscrita entre o sonho irrefletido e a realidade imposta, é possível verificar que, se, por um lado, a instrução e a educação são consideradas a via mais provável para a ascensão social e para a luta contra a subalternização, por outro, aqueles que assumem essa empreitada precisam lidar com concepções discriminatórias que problematizam e dificultam o acesso a esses benefícios, uma vez que aos negros estão

reservados, como herança da escravização, somente lugares que dispensam esforço intelectual. Isaías Caminha é um eloquente exemplo de que quando negros e mestiços decidem usufruir de bens que o jogo democrático supostamente disponibiliza para todos, são atravessados pela estigmatização dos trabalhos manuais e domésticos, diretamente associados à má remuneração e à perspectiva da subserviência, isto é, de estar em posição de suporte que proporciona ao branco condições favoráveis para que trabalhos complexos sejam realizados. Cristalizados na imagem da incultura, portanto, sujeitos negros, ainda que letrados, raramente poderiam ocupar posições que exigiam intelecto, educação refinada ou erudição.

De acordo com a configuração da identidade da personagem feita por Lima Barreto, a consciência crítica sobre a gravidade dessa violência – construída dialeticamente pelas experiências que tem o violentado durante o processo de instrução – é responsável pelo estabelecimento da ideia de que, para além dos esforços empreendidos, pessoas negras parecem estar fadadas à tragédia da minorização, nesse momento histórico do país. Diante do impasse, o saldo das vicissitudes sedimentado no âmbito da consciência parece indicar, pelo menos, duas saídas como forma de adaptação: a resignação travestida de aceitação passiva e o aumento da intensidade dos esforços, a fim de conquistar o reconhecimento. Conforme pode ser verificado na narrativa, o narrador-personagem, debilitado pelo consórcio de humilhações sofridas, abraça a primeira opção: abandona os projetos iniciais e, em um movimento em direção à autoanulação, aceita silencioso a condição subalterna expressa na função de contínuo no jornal *O Globo*. Na medida em que se trata de uma função caracterizada pela realização de trabalhos manuais, que não exige complexidade intelectual e que possui a remuneração mais baixa, a sua ocupação por um homem mestiço qualificado indica a normalização da ideia de que pessoas negras devem sempre ocupar o nível mais baixo na hierarquia do trabalho.

O ingresso na redação do jornal é acompanhado por um notório deslocamento do ponto de vista narrativo: a fim de realçar o plano do conteúdo, que passa a tratar da condição de invisibilidade intrínseca à função servil, a perspectiva narrativa abandona os mecanismos analíticos que se ocupavam com a interioridade do protagonista e passa a investigar, com acentuado grau de distanciamento, o caráter dos membros das classes altas e a natureza de suas relações, em um fluxo que se assemelha à terceira pessoa do discurso. A invisibilidade de Isaías, resultado da dinâmica social perversa e excludente, é

então, refletida na estrutura formal da obra, simbolizando não apenas a desimportância da existência de um sujeito negro em um ambiente supostamente intelectualizado, mas também o fato de que, entre homens letrados, a participação do negro e do mestiço se dá nos termos da servilidade.

Favor, paternalismo e invisibilidade

O ingresso de Isaías Caminha na redação de *O Globo* como contínuo abre, então, a segunda parte do romance. A partir desse ponto, há uma evidente separação entre os papéis do Isaías-narrador e do Isaías-personagem: como condutor da narrativa, delinea com interesse as características da “máquina” jornalística, acentuando a sordidez e o maucarismo que revestem a sua natureza – possíveis exageros da representação que justificam algumas avaliações do romance como mera caricatura³ –, enquanto personagem, arrasta-se como uma sombra. Investigadas pelo narrador a partir da análise dos elementos que compõem a moral paternalista-masculinista, as engrenagens dessa máquina operam segundo a lógica da aparência, utilizada para disfarçar as hipocrisias e as contradições da imprensa no Brasil da primeira década do século XX. O modo como o diretor, o influente Ricardo Loberant, coordena a redação do jornal emula as minudências do Brasil arcaico e *O Globo* funciona, dessa maneira, como uma espécie de micropaís no qual a política do paternalismo, do favor, do empréstimo e do interesse se desdobra em níveis vários, interfaces do público e privado, que vão desde as relações íntimas até os arranjos institucionais.

Diante desse tabuleiro em que somente homens brancos podem jogar, o realce da branquitude na caracterização da crítica aparece como artifício formal que ironiza a idealização da meritocracia, apontada como um dos principais produtos dos conchavos

³ Em artigo publicado no jornal *A Imprensa*, em dezembro de 1909, Anatólio Gomes afirma: “A sensação de charge, que o seu livro transmite aos leitores, vem precisamente do contraste de um meio que a maioria acredita ser de apóstolos, duma espécie de missão moralizadora composta de indivíduos retos, puros, inteligentes, de excepcional competência e unidos como irmãos para um fim nobilitante e que Isaías Caminha apresenta como um conjunto heterogêneo de desclassificados, de baixos caracteres, de crápulas cobertos de úlceras, homens que se revestem duma túnica de imaculada alvura e se apresentam ao público como pregadores dum novo Evangelho de pureza e de moral, quando, na verdade, não passam de caluniadores que fantasiavam escândalos, que injuriam a todo mundo, chantagistas da honra alheia, unidos só na aparência para explorar a credulidade pública e desta arrancar os níqueis que lhe asseguram noites de orgias e de bebedeiras” (GOMES, 1909, p. 1).

paternalistas. O assombro de Isaías, ao constatar que qualificação profissional não é requisito mandatório para que um homem branco tenha oportunidades e alcance reconhecimento substitui de forma definitiva a ilusão que associava sucesso a habilidade intelectual. Isso pode ser visto no modo como é feita a descrição de Deodoro Ramalho, estudante de medicina e aspirante a literato:

Saiu também o folhetim do jovem Deodoro Ramalho, um discípulo de Veiga Filho, autor de uns contos pastosos. Além do folhetim semanal, escrevia também um conto aos domingos, histórias juvenis de namoros burgueses e casamentos de bacharéis e doutores. Era de uma fecundidade de parvo. Não havia tolice que lhe passasse pela cabeça, que não escrevesse. O doutor Ricardo respeitava a sua literatura por sabê-lo com distinção em Matéria Médica, no que ele encontrava grande competência para o valor literário de produções do rapaz. Demais, as suas relações, o rigor colegial da sua vida, os seus olhos azuis, tinham-lhe valido a respeitosa consideração de todos os repórteres, redatores e colaboradores (BARRETO, 2018, p. 146-147).

A alternância entre o tom depreciativo e a acidez irônica articula o impulso narrativo ressentido, o qual, lançando luz à futilidade, à qualidade duvidosa da escrita e às concessões feitas pela prática paternalista, atribui o respeito e a consideração dispensados ao jovem Ramalho à condição racial e ao círculo social ao qual pertence. Partindo desses elementos, o grau de ironia que recai na positivação da expressão *olhos azuis* se alinha ao rebaixamento contido nos significados atribuídos ao adjetivo *parvo* e desenha, novamente por meio do contraste, o esquema social responsável pela frustração do narrador diante da irrealização dos planos da juventude. A “respeitosa consideração” almejada quando da partida para a cidade depende menos de formação cultural do que de critério racial: à sombra das asas do poderoso Loberant, Deodoro Ramalho, inepto, porém branco, vivencia, sem grandes esforços, o projeto que Isaías idealizou.

Diante dessa constatação, o traçado pessimista que mobiliza a segunda parte da narrativa sublinha o total ceticismo quanto à positividade atribuída à cultura e ao saber enciclopédico, tão inflacionada pelo ideal iluminista:

À vista disso, à vista dessa incompetência geral para julgar, da ligeireza e dos extraordinários resultados que obtinham com tão fracos meios, impondo os seus protegidos, os seus favoritos, fiquei tendo um imenso desprezo, um grande nojo, por tudo quanto tocava às letras, à política e à ciência (...)” (BARRETO, 2018, p. 182).

Excluído por um mundo que normaliza a exclusão, a voz desprezada ressoa o desprezo e, espécie de vingança, denuncia nas páginas de suas memórias o veio controverso de uma classe que se autorreferencia desenvolvida e ilustrada. Parcial e acrítico, no entanto, o progresso dirigido por uma casta construída à base de proteção e favoritismo não pode passar de um arremedo de civilização.

Ao passar as relações culturais e profissionais pelo filtro da hipocrisia e dos jogos de poder, a perspectiva indignada do narrador revela que a sobreposição do paternalismo sobre a moralidade conspurca o ideal de cultura, transformando em embuste os anseios civilizatórios de uma gente que, afeita ao uso de máscaras, apenas disfarça a sua feição ignóbil. Na fabulação do discurso revoltado está inscrita, portanto, a última etapa do processo de desencantamento com uma realidade que não apresenta qualquer possibilidade de emancipação, na medida em que, reconhecendo na organização desse mundo o não-lugar da realização plena e o lugar da subserviência, é obrigado a aceitar a anulação e o silêncio, a fim de garantir a sobrevivência.

Subjacente à estrutura sociopolítica que molda comportamentos e gradua experiências, a resignação diante do trabalho manual, manchado pela pecha da degradação devido à histórica associação à escravização, expressa uma situação conflitiva, comum a todo indivíduo pobre que deposita no trabalho a expectativa da ascensão social: se, por um lado, o emprego precarizado garante a sobrevivência do trabalhador, uma vez que possibilita uma existência mínima, por outro, é responsável pela estagnação profissional e pelo fim da ambição, dada a concretude da imobilidade social. No caso de Isaías, o saldo deixado pelas violências externas na psique invalidam qualquer possibilidade de um futuro promissor:

Eu tinha cem mil-réis por mês. Vivia satisfeito e as minhas ambições pareciam assentes. Não fora só a miséria passada que assim me fizera; fora também a ambiência hostil, a certeza de que um passo para diante me custava grandes dores, fortes humilhações, ofensas terríveis. Relembrava-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara. Sem os achar, em consciência, justos, acobardava-me diante da perspectiva de novas dores e apavorei-me diante da imagem de novas torturas. Considerei-me feliz no lugar de contínuo da redação do *O Globo* (BARRETO, 2018, p. 118).

Ao considerar as agressões passadas e a possibilidade de humilhações futuras, o espírito resignado indica uma suposta satisfação que, em verdade, pode ser considerada uma manifestação do inconsciente na busca da autopreservação. No trânsito entre a frustração e o conformismo, não parece casual que o narrador deixe registrado em suas memórias a expressão “lugar de contínuo”. Considerando os inúmeros significados sociais e políticos que o vocábulo *lugar* tem adquirido ao longo dos processos históricos, o fingimento atrelado à demonstração de felicidade por ocupar um espaço associado ao servilismo reflete a imagem mais bem acabada do mecanismo de adestramento utilizado pelas classes dominantes para condicionar pessoas negras e mestiças ao lugar da subalternidade.

Por outro lado, em um mundo de miséria, indignação e flagelo generalizados, o trabalho precarizado pode ser aquilatado como índice de vantagem e sucesso individual: “Fiquei enervado de orgulho pueril, tratando toda a gente com um desdém sobranceiro, sentindo-me tocado, atingido por um pouco da grandeza que cabia ao doutor Loberant, ao Losque e ao inimitável Floc” (BARRETO, 2018, p. 119). Na formulação do orgulho descabido, ainda que a degradação seja vista como exemplo da alteridade desvalida, o aspecto ilusório dessa constatação não escapa à autocrítica do narrador, pois reconhece que desdém e grandeza são itens que se ajustam à posição social ocupada por homens como Loberant e Floc, performance que ele não consegue imitar.

Mobilidade social

No processo de composição que vislumbra a literatura como instrumento de denúncia, é sintomático que seja a morte de Floc o evento que desencadeia a transição social experimentada por Isaías Caminha. A ironia se consuma no fato de que o estopim que motiva o suicídio de Floc – descrito pelo narrador como o mais racista e mais vaidoso dos colegas – é a dificuldade para escrever um artigo em que analisa um espetáculo teatral. Para comunicar a tragédia ao patrão, o contínuo precisa adentrar na intimidade de uma casa de prostituição, onde encontra reunido em uma orgia, o corpo diretivo do jornal: “Em torno da mesa, uma mulher cavalgava uma espécie de tapir ou de anta. Era Aires d’Ávila, cujas peles do vasto ventre caíam como úbere de vaca. A mulher montava-o com

o garbo de uma *écuyère* e ele rodava em torno da mesa como se fosse um animal de circo” (BARRETO, 2018, p. 187). A descrição da cena, calcada na ênfase da animalização e na desumanização da representação, é o ponto alto da crítica à lógica da aparência. A nudez dos diretores no espaço privado, expondo as imperfeições escondidas pelas vestimentas refinadas usadas em público, simboliza não apenas o estado do real caráter, maquiado por uma moral flutuante, mas também o desfazimento do verniz de beleza que suaviza as grossas camadas de grotesco. O rebaixamento contido no quadro se torna, portanto, a materialização de todas as análises feitas pelo narrador, a respeito da lógica essência/aparência que organiza essa classe social.

O desmascaramento acidental promovido pelo flagrante estreita o convívio entre o contínuo e o diretor e as relações entre ambos, pautadas anteriormente pelo estranhamento, evoluem para o lugar da intimidade e da cumplicidade. Atraído para o círculo masculinista comandado por Loberant, Isaías é alçado à posição de jornalista e finalmente começa a desfrutar de todas as benesses que o sistema paternalista oferece. Alçado à condição de novo favorito de Loberant, Isaías Caminha se transmuta. Endossando agora as práticas escusas que outrora criticava, sucumbe às vantagens da política do favor, de modo que a mobilidade social experimentada parece estar inscrita no caráter controverso da cordialidade. No sistema em que as relações humanas são pautadas pelo valor econômico, a aparência de poder conferida pela assunção à posição privilegiada de jornalista lhe apresenta, na prática, uma ampla compreensão do alcance significativo do esquema paternalismo/cordialidade, pois, se o ingresso a esse mundo de acessos pode parecer a realização dos seus primeiros projetos, o convívio lhe revela que a ascensão social se dá menos em termos de valorização intelectual do que como medida de controle e dominação. No entanto, Isaías não se esquivava dos privilégios recebidos, aproximando-se, em alguma medida, do esquema cordialidade-masculinidade-autoridade paternalista, proposto por Maria Rita Kehl, já que parece preferir “gozar dos benefícios secundários de sua posição de explorado, mas explorado com jeitinho, a arriscar a perda desses falsos ‘privilégios’ por descontentar um patrão ou uma autoridade paternalista” (KEHL, 2020, p. 191).

Sublinhada pela ética do favor que não deixa de evidenciar a assimetria racial em voga, a integração da personagem na cena pública pode ser compreendida a partir de uma dupla via. De um lado, a encenação do exótico e do alegórico que trata o novo jornalista

como uma criatura rara que deve ser exposta para apreciação: “Levava-me a toda a parte, gabando-me o talento e o caráter” (BARRETO, 2018, p. 190); de outro, a utilização do artifício da reeducação, do adestramento, do “melhoramento”: “Vivemos dois ou três anos juntos, bebendo e pandegando. (...) Queria-me um homem do mundo, sabendo jogar, vestir-se, beber, falar às mulheres” (BARRETO, 2018, p. 196-197). Tratado pelo diretor como um objeto que pode ser esculpido, talhado e lapidado, a personagem passa por um processo de refinamento que em tudo se assemelha aos procedimentos de branqueamento experimentados por homens pardos para se tornarem compatíveis com o padrão masculino da branquitude hegemônica, ainda que, conforme aponta Abdias Nascimento, “embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes (NASCIMENTO, 2017, p. 111).

A amizade estabelecida concretiza o ideal de masculinidade perseguido na infância e, ainda que não seja pelo viés da inteligência e da cultura, Loberant passa a ocupar, no imaginário do escrivão, o modelo de sucesso do pai branco a quem devotava respeito e admiração⁴. Desse modo, fica evidente que o acesso aos privilégios localizados na esfera do favor paternalista se consuma no pacto da masculinidade, sustentado por intimidade, virilidade e cumplicidade ou ainda, conforme aponta bell hooks, na “mudança de ênfase no status patriarcal em direção a um modelo falocêntrico, onde o que o homem faz com seu pênis se torna o caminho maior e mais acessível para garantir o status masculino” (hooks, 2019, p. 183).

Por outro lado, o trânsito por espaços anteriormente bloqueados revela para o narrador novas camadas do estereótipo racista, vinculadas ao total alheamento em que vivem as classes superiores, em relação à realidade de negros e mestiços no Brasil:

Percebi que o espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário. O que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse seu íntimo pensamento mais tarde. Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do

⁴ Com efeito, para além de todos os impedimentos impostos ao mestiço, a ascensão social experimentada por Isaías está diretamente associada ao fato de ser homem. A esse respeito, diz Lúcia Miguel Pereira, no prefácio à primeira edição de *Clara dos Anjos*: “[Clara dos Anjos] De certa maneira, é a versão feminina do Isaías Caminha, mais incisiva e triste, porque, lá, o mulato sempre acaba vencendo, ainda comprando a elevação social pelo preço do abandono dos ideais de mocidade, e aqui o destino não parece oferecer à mulata nenhuma compensação. Talvez a diferença se explique pela mudança de sexo, a vida sendo em regra mais propícia aos homens do que às mulheres” (PEREIRA, 1948 apud BARRETO, 1948, p.16).

Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, pianistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos politicões; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas (BARRETO, 2018, p. 190).

O estranhamento verificado na conduta do diretor é apreendido por uma sequência de símbolos que, trazendo para o primeiro plano narrativo imagens de família, educação, animalização, subempregos e funções marginalizadas, sintetiza de modo elucidativo os limites que distanciam a realidade de negros e brancos. Revestido por um tom de surpresa e indignação, o fluxo da confissão evidencia que a norma cultural preestabelecida no imaginário da sociedade branca padroniza a objetificação, o exotismo e a desumanização como elementos definidores de mulheres e homens negros. Segundo essa lógica, família, educação e cultura, bases de qualquer organização humana, são bens exclusivos da branquitude, o que justifica a normalização do racismo enraizado no pensamento geral. Ao chamar a atenção para a expressão “homens e as mulheres do meu nascimento”, o narrador demonstra consciência que a questão do racismo é um problema de cunho social e não individual. A reflexão sobre essa questão, então, não apenas responsabiliza pessoas brancas letradas por esse tipo de postura, mas também coloca o narrador em um lugar combativo de denúncia e de transformação dessa realidade:

A indolência mental leva-os a isso e assim também pensava o doutor Loberant. Não tive grande trabalho em o fazer modificar o juízo na parte que me tocava. Mas não me dei por satisfeito. Percebi que me viam como exceção; e, tendo sentido que a minha instrução era mais sólida e mais cuidada do que a da maioria deles, apesar de todos os seus diplomas e títulos, fiquei animado, como ainda estou, a contradizer tão malignas e infames opiniões, seja em que terreno for, com obras sentidas e pensadas, que imagino ter força para realizá-las, não pelo talento, que julgo não ser muito grande em mim, mas pela sinceridade da minha revolta que vem bem do Amor e não do Ódio, como podem supor. Cinco capítulos da minha Clara estão na gaveta; o livro há de sair (BARRETO, 2018, p. 190).

Ao perceber o seu lugar de exceção na configuração de um mundo gerido por homens brancos, o narrador também descobre que sua existência nessa realidade não passa de uma tentativa vã de conciliar o inconciliável. Tensionada entre a dor coletiva e a realização individual, a força dramática da escrita confessional chega ao ápice, na medida em que, pela primeira vez, assume que a literatura pode ser utilizada contra as agruras

sociais. A escrita de si, solitária por natureza, passa a ser vista como um instrumento de luta na lida com problemas coletivos, o que pode ser confirmado pela referência ao romance *Clara dos Anjos*, publicação póstuma de Lima Barreto, que aproxima elementos da narrativa à biografia do autor. De fato, a influência da trajetória do romancista na elaboração de *Recordações do escritor Isaías Caminha* parece ressaltar a ideia da literatura como instrumento de denúncia. A esse respeito, Antonio Candido afirma que

o interesse dos seus romances pode estar em material às vezes pouco elaborado ficcionalmente, mas cabível enquanto testemunho, reflexão, impressão de cunho individual ou intuito social — como se o fato e a elaboração não fossem de todo distintos para quem a literatura era uma espécie de paixão e dever” (CANDIDO, 2006, p. 47-48).

Com efeito, em *Recordações*, o “intuito social” que vê a literatura como uma espécie de “dever”, característica que marca boa parte da produção literária de Barreto, descola-se da perspectiva individualista que caracteriza a escrita de si, para afirmar a necessidade de combate ao racismo, utilizando a literatura para essa finalidade. Desse modo, o autor imprime, na fatura da obra, não apenas a ideia de que somente o fim do racismo possibilitaria uma ascensão social de forma concreta, real e verdadeiramente democrática, mas também o papel fundamental que o fazer literário pode desempenhar nos esforços para que esse projeto se torne realidade.

Considerações finais

Tendo em vista a discussão proposta, a pretensão desta análise foi discutir os modos como a construção do preconceito racial é estetizada em forma literária na primeira obra romanesca de Lima Barreto. Partindo da hipótese de que a formação da identidade de um homem negro é atravessada por uma série de impedimentos sociais fundamentados na questão racial, chegou-se à conclusão de que, no âmbito na prosa romanesca como reflexo da vida social, o ciclo de aprendizagens de um homem negro, da infância à maturidade, é profundamente influenciado pelo racismo institucionalizado que encalça qualquer tentativa de mobilidade social, mesmo aquela apoiada na educação e no letramento.

No lastro dessa possibilidade analítica, inicialmente se afirma que o autor divide o ponto de vista narrativo em dois segmentos intimamente relacionados: ênfase dada à análise psicológica do narrador-personagem, que pode ser vista na primeira parte do romance; e valorização do distanciamento crítico para tratar das classes dominantes, que ocupa a segunda parte. A união dessas duas pontas dá forma à subjetividade do narrador-personagem, fraturada devido aos desdobramentos psicológicos causados pelas violências materiais e simbólicas contidas nas práticas racistas, que resultam também em trabalho precarizado, subalternização e invisibilidade social. Desse modo, verificou-se que, na medida em que se trata de um dos principais agentes da violência racista, o estereótipo concorre para moldar a psicologia do indivíduo negro violentado e reforça a ideia, presente no senso comum no momento histórico do país retratado no romance, de que pessoas negras parecem estar fadadas à minorização.

Referências

- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- bell hooks. *Olhares negros, raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- _____. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. *In: A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.
- LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1948.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio e Janeiro: Zahar, 2021.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2008.

Recebido em: 20 de junho de 2025.

Aceito em: 21 de agosto de 2025.